

O impacto dos transtornos de ansiedade na qualidade de vida de pessoas com TEA: uma revisão narrativa

DANIELA APARECIDA DOS REIS

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, Brasil

E-mail: danireispsico@gmail.com

KEISE FERNANDA AGUIAR ALMEIDA

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, Brasil

E-mail: keiseaguiar@gmail.com

MARIANA SOUTO DA SILVA ALFIERI

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, Brasil

E-mail: alfierimari@gmail.com

GISÉLIA GONÇALVES DE CASTRO

Centro Universitário do Cerrado Patrocínio (Unicerp), Minas Gerais, Brasil

E-mail: giseliagcastro@gmail.com

Resumo

Os transtornos de ansiedade caracterizam-se por medo e ansiedade excessivos, e perturbações comportamentais relacionadas. Eles diferem entre si com base nos objetos ou situações que induzem a ansiedade. Os transtornos de ansiedade representam a comorbidade mais comum, com taxa de prevalência para adultos com TEA de 27% e 42% para qualquer transtorno de ansiedade. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição caracterizada como um transtorno do neurodesenvolvimento que abrange prejuízos persistentes na comunicação e interação social, podendo apresentar também alterações no processamento sensorial. Essas e outras características limitam ou prejudicam o funcionamento diário, e quando há a comorbidade ansiedade no TEA, aumentam significativamente as dificuldades nas respostas adaptativas, diminui a qualidade de vida e acentuam-se problemas como inquietação, passividade, isolamento social, agressividade, irritabilidade ou autoagressão. Portanto, este estudo objetiva revisar o impacto na qualidade de vida de indivíduos que possuem diagnóstico de transtorno do espectro autista e transtornos de ansiedade concomitantemente. A metodologia utilizada foi uma revisão narrativa da literatura, realizada por meio

Recebido em: 19/04/2023

Aprovado em: 21/05/2023



de buscas na base de dados eletrônica PubMed. Os resultados destacam a importância e a necessidade de realizar mais pesquisas, especificamente com jovens adultos diagnosticados com TEA, que possam contribuir para o desenvolvimento de intervenções no sentido de prevenir o agravamento dos sintomas, bem como diminuir os prejuízos no dia a dia dessas pessoas e, em consequência, melhorar a qualidade de vida.

Palavras-chave

Transtorno do espectro autista. Transtorno de ansiedade. Qualidade de vida. Comorbidades psiquiátricas. Saúde mental.

The impact of anxiety disorders on the quality of life of people with ASD: a narrative review

Abstract

Anxiety disorders are characterized by excessive fear and anxiety and related behavioral disturbances. They differ from each other, starting from the objects or situations that induce anxiety. Anxiety disorders represent the most common comorbidity, with a prevalence rate of 27% for adults with ASD and 42% for any anxiety disorder. Autistic Spectrum Disorder (ASD) is a condition characterized as a neurodevelopmental disorder, which encompasses persistent impairments in communication and social interaction, and may also present changes in sensory processing. These and other characteristics limit or impair daily functioning, and when anxiety comorbid with ASD significantly increases difficulties in adaptive responses, decreases quality of life and accentuates problems such as restlessness, passivity, social isolation, aggressiveness, irritability or self-harm. Therefore, this study aims to review the impact on the quality of life of individuals diagnosed with autism spectrum disorder and anxiety disorders concomitantly. The methodology used was a narrative review of the literature, carried out through searches in the electronic database PubMed. The results highlight the importance and need to carry out more research specifically with young adults diagnosed with ASD, which can contribute to the development of interventions to act to prevent worsening of symptoms, as well as to reduce the damage in these people's lives and, as a result, improve the life quality.

Keywords

Autistic Spectrum Disorder. Anxiety disorders. Quality of life. Psychiatric comorbidities. Mental health.

El impacto de los trastornos de ansiedad en la calidad de vida de las personas con TEA: una revisión narrativa

Resumen

Los trastornos de ansiedad se caracterizan por miedo y ansiedad excesivos y trastornos conductuales relacionados. Se diferencian entre sí, a partir de los objetos o situaciones que inducen ansiedad. Los trastornos de ansiedad representan la comorbilidad más frecuente, con una tasa de prevalencia del 27 % para adultos con TEA y del 42 % para cualquier trastorno de ansiedad. El Trastorno del Espectro Autista (TEA) es una condición caracterizada como un trastorno del neurodesarrollo, que abarca deficiencias persistentes en la comunicación y la interacción social, y también puede presentar cambios en el procesamiento sensorial. Estas y otras características limitan o deterioran el funcionamiento diario, y cuando la ansiedad comórbida con el TEA aumenta significativamente las dificultades en las respuestas adaptativas, disminuye la calidad de vida y acentúa problemas como inquietud, pasividad, aislamiento social, agresividad, irritabilidad o autolesiones. Por lo tanto, este estudio tiene como objetivo revisar el impacto en la calidad de vida de las personas diagnosticadas con trastorno del espectro autista y trastornos de ansiedad concomitantemente. La metodología utilizada fue una revisión narrativa de la literatura, realizada a través de búsquedas en la base de datos electrónica PubMed. Los resultados destacan la importancia y necesidad de realizar más investigaciones específicamente con adultos jóvenes diagnosticados con TEA, que puedan contribuir al desarrollo de intervenciones para actuar con el fin de prevenir el empeoramiento de los síntomas, así como para reducir los daños en la vida de estas personas y, como resultado, mejorar la calidad de vida.

Palabras Clave

Trastorno del espectro autista. Trastornos de ansiedad. Calidad de vida. Comorbilidades psiquiátricas. Salud mental.

INTRODUÇÃO

Os Transtornos de Ansiedade (TA) caracterizam-se por medo e ansiedade excessivos, e perturbações comportamentais relacionadas. Eles diferem entre si com base nos objetos ou situações que induzem a ansiedade. Medo e ansiedade se sobrepõem, no entanto, é possível observar uma diferenciação entre

ambos. Medo diz respeito à resposta emocional a ameaça iminente, acompanhada de períodos de excitabilidade aumentada necessária para lutar ou fugir; já a ansiedade trata-se da antecipação de ameaça futura, frequentemente associada a tensão muscular e vigilância para lidar com perigo futuro e comportamentos de cautela ou esquivia (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2023).

Há 11 transtornos de ansiedade descritos no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição, texto revisado (DSM-5-TR). São eles: Transtorno de Ansiedade de Separação; Mutismo Seletivo; Fobia Específica; Transtorno de Ansiedade Social; Transtorno do Pânico; Agorafobia; Transtorno de Ansiedade Generalizada; Transtorno de Ansiedade Induzido por Substância/Medicamento; Transtorno de Ansiedade Devido a Outra Condição Médica; Outro Transtorno de Ansiedade Especificado; Transtorno de Ansiedade Não Especificado (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2023).

A ansiedade pode se apresentar como uma resposta adequada diante de situações estressantes, porém, se os sintomas se tornam difíceis de ser controlados, com a presença de sentimentos constantes de preocupação e que prejudicam o indivíduo a ponto de torná-lo incapaz de realizar suas atividades diárias, a ansiedade passa a ser considerada um distúrbio patológico. Essa condição é chamada de Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG). Pessoas com TAG apresentam dificuldade em controlar seus sentimentos de preocupação sobre eventos comuns relacionados a vários tópicos (trabalho, escola, futuro, questões interpessoais), além de apresentarem sintomas físicos como inquietação, fadiga, tensão muscular, irritabilidade, problemas de concentração e insônia. Esses sintomas são acompanhados de sofrimento significativo ou prejuízos no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo (DEMARTINI; PATEL; FANCHER, 2019; AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2023).

Para os diagnósticos de TA, os sintomas devem estar presentes na maioria dos dias por pelo menos seis meses. Além disso, a presença dos sintomas associados ao sofrimento e prejuízo significativo são baseados na intensidade, frequência e duração destes (SZUHANY; SIMON, 2022; AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2023). Os TA representam a interação entre fatores biológicos, psicológicos, temperamentais e ambientais (GIACOBBE; FLINT, 2018). Para Mangolini, Andrade e Wang (2019), há diversos fatores que podem desencadear a ansiedade, como desequilíbrios químicos cerebrais, vulnerabilidade genética, além de eventos traumáticos. A preocupação excessiva traz prejuízos para o funcionamento da pessoa que apresenta esse transtorno,

interferindo na capacidade do indivíduo de fazer o que precisa ser feito com rapidez e agilidade, independentemente de onde a tarefa deva ser executada, seja em casa, no trabalho, na escola etc. Além disso, toma o tempo e a energia do indivíduo, podendo levar à incapacidade moderada a grave.

Os TA são a segunda doença psiquiátrica mais comum depois da depressão. Estão entre as maiores causas de incapacidade e afastamentos laborais (SANTANA *et al.*, 2016; TREVISAN *et al.*, 2019; MIRANDA; VASCONCELOS, 2022; SZUHANY; SIMON, 2022). Os sintomas tendem a ser persistentes e, caso não sejam tratados, influenciam não só o funcionamento diário, como também a má qualidade de vida, bem como as finanças daquele que apresenta tais sintomas (RIBEIRO *et al.*, 2019). Diversos TA se desenvolvem no período da infância e tendem a durar até a vida adulta se não forem tratados corretamente (ULJAREVIĆ, 2019; AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2023). Em um estudo realizado em 2017 pela Organização Mundial da Saúde, a prevalência mundial de TA é de 3,6%; nessa mesma pesquisa é apontado que no Brasil os transtornos de ansiedade estão presentes em 9,3% da população, liderando o *ranking* mundial com maiores casos de ansiedade, tornando-a um importante problema de saúde pública (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2017).

Pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem apresentar complicações emocionais. As dificuldades relacionadas aos aspectos de interação social podem favorecer o aparecimento de sentimentos ansiosos e tristes. Adolescentes e adultos com TEA que têm maior percepção de suas diferenças estão suscetíveis a apresentar ansiedade e depressão (WHITE *et al.*, 2018; BERNIER; DAWSON; NIGG, 2021). Aproximadamente 70% dos indivíduos que possuem diagnóstico de TEA apresentam pelo menos um transtorno psiquiátrico como comorbidade e 41% dos indivíduos com TEA têm dois ou mais transtornos psiquiátricos (DEFILIPPIS, 2018). Eles podem apresentar como comorbidade: transtornos de ansiedade, transtornos depressivos, transtorno de déficit de atenção/hiperatividade, transtorno desafiador de oposição e deficiência intelectual (SIMONOFF *et al.*, 2008).

O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento que abrange prejuízos persistentes na comunicação e interação social. Algumas pessoas com autismo também podem apresentar alterações em seu processamento sensorial, como hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais. Essas características limitam ou prejudicam o funcionamento diário dessas pessoas (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2023).

Os níveis de gravidade para TEA baseiam-se em déficits na comunicação social e em padrões de comportamento restritos e repetitivos. O DSM-5-TR

apresenta três níveis de gravidade dos sintomas: no nível 1, os indivíduos com TEA apresentam prejuízo, exigindo apoio; no nível 2, necessitam de apoio substancial; e no nível 3, necessitam de apoio muito substancial. O diagnóstico de TEA é clínico, incluindo observações clínicas, entrevista com os cuidadores, utilização de instrumentos padronizados de diagnóstico do comportamento com boas propriedades psicométricas e, quando possível, autorrelato. Quanto mais fontes de informação, maior a confiabilidade do diagnóstico (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2023).

A prevalência de TEA tem aumentado. De acordo com estimativas do Autism and Developmental Disabilities Monitoring (ADDM) do Center for Disease Control and Prevention (CDC, 2023), cerca de uma em cada 36 crianças de 8 anos, em 11 estados do EUA, foi identificada no espectro do TEA, ou seja, 2,8% dessa população. Os dados foram coletados em 2020 em mais de 226 mil crianças. O número desse estudo é 22% maior do que a estimativa anterior divulgada em 2021 com dados de 2018, que foi cerca de uma em cada 44 crianças. No Brasil, segundo dados internacionais, cerca de 1,5 milhão de brasileiros apresentam TEA (PAULA *et al.*, 2011).

Segundo Fitzpatrick *et al.* (2016), a comorbidade psiquiátrica no TEA aumenta significativamente as dificuldades nas respostas adaptativas e afeta as atividades diárias, diminui a qualidade de vida e acentua problemas como inquietação, passividade, isolamento social, agressividade, irritabilidade ou autoagressão. Estudos apontam que pessoas com TEA apresentam pior qualidade de vida em comparação a pessoas com desenvolvimento típico (ADAMS; CLARK; KEEN, 2019).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) apresenta a definição de qualidade de vida como “a percepção que um indivíduo tem sobre sua posição na vida inserido num contexto cultural e sistema de valores em que ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (THE WHOQOL GROUP, 1994). Trata-se de um conceito multidimensional e não está relacionado apenas ao fator saúde ou ausência de doença (PEREIRA; TEIXEIRA; SANTOS, 2012), mas incorpora de forma complexa aspectos psicológicos, econômicos, socioculturais e de estilo de vida (MORETTO *et al.*, 2020). É usado para avaliar o estado de saúde, bem-estar, funcionamento físico, social e psicológico de uma pessoa (YOO *et al.*, 2018), refletindo o bem-estar tanto em relação ao corpo físico quanto à saúde mental (BEVAN; GOMEZ; SPARKS, 2014).

Para Adams, Clark e Keen (2019), a ansiedade é uma das condições mais frequentes em pessoas com TEA, e existem poucos estudos que investigam o

impacto dela sobre uma pessoa e sua qualidade de vida. É objetivo deste estudo revisar de modo narrativo a literatura que aborda o impacto dos transtornos de ansiedade na qualidade de vida de pessoas com TEA.

MÉTODO

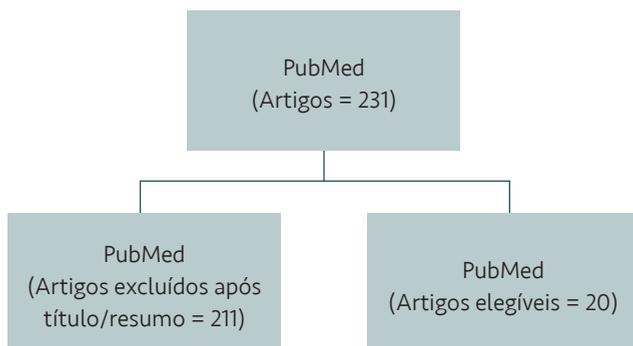
O presente estudo constitui uma revisão narrativa de literatura sobre a abordagem do impacto dos Transtornos de Ansiedade na qualidade de vida de pessoas com TEA. Por isso, dados de fontes secundárias foram obtidos por meio de levantamento bibliográfico entre março e abril de 2023.

Como critério de inclusão, fez-se a seleção de artigos publicados entre 2013 e 2023, no idioma inglês, abordando a relação entre os descritores utilizados para o cruzamento de dados: “quality of life”, “anxiety” e “autism spectrum disorder”. A base de dados eletrônica utilizada para a pesquisa foi a PubMed, bem como livros publicados por pesquisadores. Foram critérios de exclusão artigos não disponíveis na íntegra e que não abordavam a relação entre os descritores utilizados.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Um total de 231 artigos foi encontrado para a pesquisa na base de dados da PubMed e, após leitura do título e do resumo, sob a égide dos critérios de inclusão, foram excluídos 211 artigos, sendo artigos duplicados, bem como aqueles cujo conteúdo não atendia aos critérios estabelecidos. Portanto, um total de 20 artigos foi utilizado para compor este estudo. As seções seguintes apresentam, de modo discursivo, os achados desta revisão.

Figura 1 ■ Descrição geral do processo de seleção dos estudos



Fonte: Elaborada pelos autores.

Os prejuízos do Transtorno de Ansiedade na qualidade de vida de pessoas com TEA

Os transtornos de ansiedade representam a comorbidade mais comum, com taxa de prevalência para adultos com TEA de 27% e 42% para qualquer transtorno de ansiedade e de 5% a 35% para ansiedade generalizada (HOLLOCKS *et al.*, 2018). Outro dado importante é que 53,6% dos adultos com TEA apresentam ansiedade clinicamente significativa (ULJAREVIĆ, 2019).

Quando os transtornos de ansiedade não são tratados, seus sintomas podem perdurar e estão relacionados a limitações no funcionamento econômico, piora na qualidade de vida do indivíduo e aumento do risco de suicídio (BEECHAM, 2014; BITSIKA *et al.*, 2016; DEADY *et al.*, 2022; MIRANDA; VASCONCELOS, 2022; AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2023). Estudos apontam que pessoas com TEA apresentam pior qualidade de vida em comparação a pessoas com desenvolvimento típico (ADAMS; CLARK; KEEN, 2019), além de haver prejuízo relacionado à interação social. Diante do exposto, é fundamental a realização de pesquisas que identifiquem precocemente os fatores de risco para ansiedade, formas de prevenção e intervenção adequada (DELLAPIAZZA *et al.*, 2022).

Uma pesquisa realizada por Adams, Clark e Keen (2019), com o objetivo de medir o impacto da ansiedade na qualidade de vida relacionada à saúde de 71 crianças com TEA, com idades entre 6 e 13 anos, mostrou como resultado, a partir do autorrelato delas, que pessoas com TEA estão mais propensas a pior “qualidade de vida” e bem-estar geral. Um dos fatores que contribuiu para diminuir a qualidade de vida dessas crianças foi a dificuldade relacionada à incerteza. Os pesquisadores sugerem a importância de intervenções planejadas, de maneira cuidadosa, com o objetivo de diminuir as dificuldades com as incertezas, como uma maneira de melhorar a qualidade de vida das crianças dentro do espectro.

Ainda sobre estudos realizados com crianças diagnosticadas com TEA, Dellapiazza *et al.* (2022) conduziram uma pesquisa cujo objetivo era avaliar o nível clínico de ansiedade em crianças com TEA de 5 a 10 anos de idade e identificar potenciais fatores de risco precoce três anos antes. O estudo foi nomeado como Elena (estudo longitudinal de crianças com TEA), uma coorte. Na pesquisa, foi utilizada coleta de dados no Tempo 1-TI (no basal) e Tempo 2-T2 (três anos após T1). Dois grupos foram identificados em T2 de acordo com o limiar para a ansiedade no CBCL questionário parental: grupo somente

TEA e grupo TEA com ansiedade como comorbidade. Os pesquisadores descobriram altos níveis de dificuldades de processamento sensorial e comportamento restrito e repetitivo na primeira infância que foram fatores de risco potenciais para transtorno de ansiedade posterior em crianças com TEA.

Crane *et al.* (2019) exploraram as experiências de jovens com TEA entre 16 e 25 anos, relacionadas à saúde mental e suas perspectivas sobre o apoio que buscaram para seus problemas. Um total de 130 jovens adultos com TEA participou dessa pesquisa realizada na Inglaterra – 109 responderam a uma pesquisa *on-line* e 21 participaram de entrevistas detalhadas. Os resultados obtidos relatam que os jovens participantes tiveram dificuldade em avaliar sua saúde mental, experimentavam altos níveis de percepções negativas e muitas vezes enfrentavam obstáculos ao tentar acesso a apoio e tratamento para saúde mental.

Quando se trata de fatores associados à qualidade de vida entre adultos com TEA, observe-se que há poucos estudos que contemplam esses fatores (LAWSON *et al.*, 2020; LIN; HUANG, 2019; SCHILTZ *et al.*, 2020). No entanto, a partir dos artigos avaliados, foi possível observar que questões de saúde mental, como ansiedade, são comuns entre adultos com TEA e interferem na qualidade de vida.

Dois pesquisas recentes buscaram investigar a associação entre saúde mental e qualidade de vida em adultos no espectro do TEA. Mason *et al.* (2019) pontuam que adultos no espectro (com 55 anos ou mais) com ansiedade e/ou depressão relataram prejuízo na qualidade de vida subjetiva, e Smith, Ollendick e White (2019) identificaram a ansiedade como um preditor mais forte da qualidade de vida do que as características do TEA. Ambos sugerem que futuras pesquisas sejam realizadas na área, utilizando avaliação longitudinal prospectiva, para caracterizar sintomas de ansiedade em adultos com TEA, assim como investigar os efeitos da ansiedade na qualidade de vida.

No estudo realizado por Lin e Huang (2019), foi feita uma comparação entre 66 adultos com TEA e adultos neurotípicos com idade entre 20 e 38 anos – os autores investigaram qualidade de vida e fatores relacionados. Os participantes com TEA relataram maior nível de ansiedade, solidão e tiveram uma pontuação mais baixa em todos os domínios de qualidade de vida em comparação aos neurotípicos.

Semelhantemente a esse resultado, os achados de Schiltz *et al.* (2020) e Park *et al.* (2019) mostraram que o fator engajamento social, características do TEA para ansiedade social e sintomas de depressão podem ser explicados

pela solidão. Além disso, os sintomas de depressão foram associados a angústia, diminuição de qualidade de vida e perda de dias de trabalho, tornando necessárias intervenções em habilidades sociais, a fim de ampliar e melhorar as relações sociais, com o intuito de aumentar a qualidade de vida dos adultos com TEA, bem como intervir para o desenvolvimento da prática de avaliação e direcionamento da solidão na intervenção com essas pessoas (LIN; HUANG, 2019; PARK *et al.*, 2019; SCHILTZ *et al.*, 2020).

Os transtornos de ansiedade são a segunda doença psiquiátrica mais comum depois da depressão, e estão entre as maiores causas de incapacidade e afastamentos laborais (SANTANA *et al.*, 2016; SZUHANY; SIMON, 2022). Muitas pessoas com TEA enfrentam dificuldades com educação e emprego (FORBES *et al.*, 2023), apresentando taxas mais baixas de empregos do que colegas que não possuem TEA, o que pode afetar negativamente a qualidade de vida (LAWSON *et al.*, 2020). No entanto, muitos adultos com TEA não recebem tratamento de saúde mental eficaz e acessível. Condições psiquiátricas como ansiedade e depressão não tratadas em adultos com TEA estão associadas a diversos resultados negativos, incluindo dificuldade de funcionamento adaptativo, dificuldades relacionadas ao emprego e à vida independente, além de má qualidade de vida (MADDOX; GAUS, 2019).

Vincent *et al.* (2020) realizaram um estudo piloto sobre o desenvolvimento socioprofissional e a qualidade de vida de jovens adultos com TEA na França. Participaram do estudo 24 jovens com idade entre 18 e 30 anos, diagnosticados com TEA, e 54% desses relataram ter como comorbidade transtorno de ansiedade. Os participantes responderam a um questionário sobre sua qualidade de vida socioprofissional e sentimentos sobre o futuro. Durante o estudo, apenas seis dos participantes estavam empregados, enquanto os demais eram dependentes financeiramente dos pais. Metade afirmou ter concluído o ensino médio e se beneficiou de estar trabalhando. Os escores de autoavaliação da qualidade de vida desses jovens foram significativamente menores em comparação com a população geral francesa.

Porém, os participantes perceberam o trabalho como um meio importante para o seu desenvolvimento pessoal, bem como lidar com suas dificuldades. Os jovens adultos com TEA sinalizaram que esperavam se beneficiar de suporte personalizado adaptado em ambiente laboral relacionado às dificuldades do transtorno do espectro autista, como também consideraram que seria melhor se seus colegas de trabalho fossem informados sobre TEA e a melhor forma de oferecer suporte. O apoio da família na determinação dos objetivos

profissionais das pessoas com TEA também foi levado em consideração. Por fim, o apoio pode ser necessário para melhorar as habilidades sociais e comunicativas a fim de ajudar na integração dessas pessoas.

Lawson *et al.* (2020) realizaram uma pesquisa com 244 pessoas com TEA e 165 sem TEA. Os sintomas de depressão, bem-estar psicológico, qualidade do sono e sintomas autonômicos (por exemplo, sudorese) foram todos preditores significativos de qualidade de vida. Além disso, entre o grupo de pessoas com TEA, a qualidade de vida basal teve maior influência na qualidade de vida dois anos depois. Esses resultados têm implicações para serviços de apoio, pois destacam a relação entre saúde mental (especialmente depressão) e qualidade de vida. Os desafios relacionados ao sono (por exemplo, insônia) também pertencem à saúde mental, e intervenções abordando tanto a questão da insônia quanto a da saúde mental podem ser úteis para ajudar indivíduos com TEA a melhorar sua qualidade de vida.

Em uma revisão sistemática realizada por Chiang e Wineman (2014), foram identificados diferentes fatores associados com a qualidade de vida para adultos e crianças com TEA. Maior dificuldade de comportamento e menor engajamento em atividades prazerosas foram relacionados com pior qualidade de vida em adultos. Já para as crianças foram encontrados mais fatores associados com diminuição da qualidade de vida (o que pode ser justificado por maior quantidade de pesquisas voltada para esse público do que para adultos), como maior idade da criança, maiores sintomas, características do TEA e a presença de maiores dificuldades comportamentais.

Outro aspecto relevante é que a ansiedade, além de prejudicar a qualidade de vida das pessoas com TEA, interfere negativamente na vida de seus familiares (ADAMS; CLARK; SIMPSON, 2020; TARVER *et al.*, 2021). Adams, Clark e Simpson (2020) realizaram o primeiro estudo de investigação sobre a relação entre ansiedade, características do TEA e a qualidade de vida das crianças e de seus pais. As descobertas indicaram que as crianças dentro do espectro com ansiedade elevada experimentam uma qualidade de vida pior, assim como seus pais, especialmente nos domínios de saúde física e psicológica.

Outro estudo desenvolvido por Tarver *et al.* (2021) teve como objetivo compreender sobre o reconhecimento parental e o manejo da ansiedade em pessoas com TEA com pouco ou nenhum repertório de fala. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com pais/responsáveis de 17 crianças com TEA, recrutados de um banco de dados de participantes existentes e anúncios de mídia social. Foi usada a análise temática, em que 15 subtemas foram

colocados sob três grandes temas: reconhecimento da ansiedade pelos pais; manejo parental da ansiedade; e o impacto da ansiedade nos indivíduos com TEA e suas famílias.

Os resultados dessa pesquisa mostraram que devido ao uso reduzido da linguagem verbal e à sobreposição com outros comportamentos, os pais descreveram dificuldades em reconhecer a ansiedade em seus filhos. No entanto, os pais também descreveram o uso de vários métodos de gerenciamento de estratégias, incluindo algumas que se sobrepõem a componentes de intervenções baseadas em evidências para problemas em pessoas com TEA. Apesar disso, os pais relataram que a ansiedade continua tendo um impacto significativo na qualidade de vida. Concluiu-se que os achados dessa pesquisa podem ajudar a informar o desenvolvimento de medidas de intervenção e avaliação para ansiedade em indivíduos com TEA que falam poucas palavras ou nenhuma.

O tratamento para aspectos relacionados aos transtornos de ansiedade como comorbidade do TEA é algo imprescindível, uma vez que, se não forem tratados, poderão favorecer a piora na qualidade de vida das pessoas que possuem esse diagnóstico. Intervenções psicológicas, educacionais e farmacológicas são indicadas para auxiliar na diminuição dos sintomas causados pelos transtornos, propiciando, dessa forma, que as pessoas possam ter uma vida mais saudável (SADOCK; SADOCK; RUIZ, 2017; SZUHANY; SIMON, 2022).

Quanto ao tratamento para a redução da ansiedade em pessoas com TEA, a intervenção utilizando a terapia cognitivo-comportamental (VAN STEENSEL; BÖGELS, 2015; PARR *et al.*, 2020; LANGDON *et al.*, 2013; KILBURN *et al.*, 2018, 2019) e terapias baseadas em *mindfulness* (GAIGG *et al.*, 2020) são as mais recomendadas.

Na pesquisa desenvolvida por Van Steensel e Bögels (2015), foi avaliada a eficácia da terapia cognitivo-comportamental (TCC) para o transtorno de ansiedade em crianças com TEA e comparada e examinada em crianças sem TEA. Nesse estudo, participaram 174 crianças e seus pais, sendo que 79 possuíam o diagnóstico de TEA com transtorno de ansiedade e 95 crianças apresentavam transtorno de ansiedade sem TEA. Foi concluído que a TCC para transtorno de ansiedade em crianças com TEA é uma terapia eficaz. Da mesma forma, Gaigg *et al.* (2020) sugerem que a TCC *on-line* e as ferramentas de terapia baseadas em *mindfulness* são viáveis e vantajosas em relação ao custo-benefício para saúde mental de adultos com TEA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos analisados, observou-se que entre os indivíduos com TEA, tanto os transtornos de ansiedade quanto os transtornos de humor, como a depressão, são altamente prevalentes. Ambas as condições podem ser consideradas concomitantes e trazem prejuízos adicionais, afetando de maneira significativa a qualidade de vida das pessoas que apresentam esses transtornos mentais, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional.

Ressalta-se que poucos estudos investigam sobre a relação dos Transtornos de Ansiedade em pessoas com TEA e o impacto na qualidade de vida. Portanto, evidencia-se a necessidade da realização de mais estudos nessa área, especificamente com jovens adultos diagnosticados com TEA, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de intervenções direcionadas a essa população, prevenindo o agravamento dos sintomas, bem como promovendo a diminuição dos prejuízos na vida diária e o aumento do bem-estar e da qualidade de vida de pessoas com TEA.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, D.; CLARK, M.; KEEN, D. Using self-report to explore the relationship between anxiety and quality of life in children on the autism spectrum. *Autism Research*, International Society for Autism Research, v. 12, n. 10, p. 1505-1515, 2019. DOI 10.1002/aur.2155
- ADAMS, D.; CLARK, M.; SIMPSON, K. The relationship between child anxiety and the quality of life of children, and parents of children, on the autism spectrum. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 50, p. 1756-1769, 2020. DOI 10.1007/s10803-019-03932-2
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5-TR*. 5. ed., texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2023.
- BEECHAM, J. Annual research review: child and adolescent mental health interventions: a review of progress in economic studies across different disorders. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v. 55, n. 6, p. 714-732, 2014. DOI 10.1111/jcpp.12216
- BERNIER, R. A.; DAWSON, G.; NIGG, J. T. *O que a ciência nos diz sobre o transtorno do espectro autista: fazendo as escolhas certas para o seu filho*. Porto Alegre: Artmed, 2021.
- BEVAN, J. L.; GOMEZ, R.; SPARKS, L. Disclosures about important life events on Facebook: relationships with stress and quality of life. *Computers in Human Behavior*, v. 39, p. 246-253, 2014. DOI 10.1016/j.chb.2014.07.021

BITSIKA, V. *et al.* Prevalence, structure and correlates of anxiety-depression in boys with an autism spectrum disorder. *Research in Developmental Disabilities*, v. 49-50, p. 302-311, 2016. DOI 10.1016/j.ridd.2015.11.011

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. Prevalence and characteristics of Autism Spectrum Disorder among children aged 8 years – Autism and developmental disabilities monitoring network, 11 Sites, United States, 2020. *Surveillance Summaries*, v. 72, n. 2, p. 1-14, 2023.

CHIANG, H.-M.; WINEMAN, I. Factors associated with quality of life in individuals with autism spectrum disorders: a review of literature. *Research in Autism Spectrum Disorders*, v. 8, n. 8, p. 974-986, 2014. DOI 10.1016/j.rasd.2014.05.003

CRANE, L. *et al.* “Something needs to change”: Mental health experiences of young autistic adults in England. *Autism*, v. 23, n. 2, p. 477-493, 2019. DOI 10.1177/1362361318757048

DEADY, M. *et al.* The impact of depression, anxiety and comorbidity on occupational outcomes. *Occupational Medicine*, London, v. 72, n. 1, p. 17-24, 2022. DOI 10.1093/occmed/kqab142

DEFILIPPIS, M. Depression in children and adolescents with autism spectrum disorder. *Children*, v. 5, n. 9, p. 1-9, 2018. DOI 10.3390/children5090112

DELLAPIAZZA, F. *et al.* Early risk factors for anxiety disorders in children with autism spectrum disorders: results from the ELENA Cohort. *Scientific Reports*, v. 12, p. 1-8, 2022. DOI 10.1038/s41598-022-15165-y

DEMARTINI, J.; PATEL, G.; FANCHER, T. L. Generalized Anxiety Disorder. *Annals of Internal Medicine*, v. 170, n. 7, p. ITC49-ITC64, 2019. DOI 10.7326/aitc201904020

FITZPATRICK, S. E. *et al.* Aggression in autism spectrum disorder: presentation and treatment options. *Neuropsychiatric Disease and Treatment*, n. 12, p. 1525-1538, 2016. DOI 10.2147/NDT.S84585

FORBES, G. *et al.* How do autistic people fare in adult life and can we predict it from childhood? *Autism Research*, International Society for Autism Research, v. 16, n. 2, p. 458-473, 2023. DOI 10.1002/aur.2868

GAIGG, S. B. *et al.* Self-guided mindfulness and cognitive behavioural practices reduce anxiety in autistic adults: a pilot 8-month waitlist-controlled trial of widely available online tools. *Autism*, v. 24, n. 4, p. 867-883, 2020. DOI 10.1177/1362361320909184

GIACOBBE, P.; FLINT, A. Diagnosis and management of anxiety disorders. *Continuum*, Minneapolis, v. 24, n. 3, p. 893-919, 2018. DOI 10.1212/CON.0000000000000607

HOLLOCKS, M. *et al.* Anxiety and depression in adults with autism spectrum disorder: a systematic review and meta-analysis. *Psychological Medicine*, v. 49, n. 4, p. 1-14, 2018. DOI 10.1017/S0033291718002283

KILBURN, T. R. *et al.* Group-based cognitive behavioural therapy for anxiety disorder in children with autism spectrum disorder: a feasibility study. *Nordic Journal of Psychiatry*, v. 73, n. 4-5, p. 273-280, 2019. DOI 10.1080/08039488.2019.1622153

KILBURN, T. R. *et al.* Rationale and design for cognitive behavioral therapy for anxiety disorders in children with autism spectrum disorder: a study protocol of a randomized controlled trial. *Trials*, v. 19, p. 1-11, 2018. DOI 10.1186/s13063-018-2591-x

LANGDON, P. E. *et al.* Asperger syndrome and anxiety disorders (PAsSA) treatment trial: a study protocol of a pilot, multicentre, single-blind, randomised crossover trial of group cognitive behavioural therapy. *BMJ Open*, v. 3, n. 7, p. 1-6, 2013. DOI 10.1136/bmjopen-2013-003449

LAWSON, L. P. *et al.* Cross-sectional and longitudinal predictors of quality of life in autistic individuals from adolescence to adulthood: the role of mental health and sleep quality. *Autism*, v. 24, n. 4, p. 954-967, 2020. DOI 10.1177/1362361320908107

LIN, L.-Y.; HUANG, P.-C. Quality of life and its related factors for adults with autism spectrum disorder. *Disability and Rehabilitation*, v. 41, n. 8, p. 896-903, 2019. DOI 10.1080/09638288.2017.1414887

MADDOX, B. B.; GAUS, V. L. Community mental health services for autistic adults: good news and bad news. *Autism in Adulthood: Challenges and Management*, v. 1, n. 1, p. 15-19, 2019. DOI 10.1089/aut.2018.0006

MANGOLINI, V. I.; ANDRADE, L. H.; WANG, Y.-P. Epidemiologia dos transtornos de ansiedade em regiões do Brasil: uma revisão de literatura. *Revista de Medicina*, São Paulo, v. 98, n. 6, p. 415-422, 2019. DOI 10.11606/issn.1679-9836.v98i6p415-422

MASON, D. *et al.* Quality of life for older autistic people: the impact of mental health difficulties. *Research in Autism Spectrum Disorders*, v. 63, p. 13-22, 2019. DOI 10.1016/j.rasd.2019.02.007

MIRANDA, P. O. de; VASCONCELOS, S. P. Mental and behavioral disorders and sickness-absenteeism among federal civil servants. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, v. 20, n. 4, p. 599-607, 2022. DOI 10.47626/1679-4435-2022-800

MORETTO, G. *et al.* Interferência do meio comunicativo da criança com transtorno do espectro do autismo na qualidade de vida de suas mães. *Codas*, v. 32, n. 6, 2020. DOI 10.1590/2317-1782/20202019170

PARK, S. H. *et al.* Disability, functioning, and quality of life among treatment-seeking young autistic adults and its relation to depression, anxiety, and stress. *Autism*, v. 23, n. 7, p. 1675-1686, 2019. DOI 10.1177/1362361318823925

PARR, J. R. *et al.* Treating anxiety in autistic adults: study protocol for the Personalised Anxiety Treatment-Autism (PAT-A[®]) pilot randomised controlled feasibility trial. *Trials*, v. 21, p. 1-14, 2020. DOI 10.1186/s13063-020-4161-2

PAULA, C. S. *et al.* Autism in Brazil: perspectives from science and society. *Revista da Associação Médica Brasileira*, v. 57, n. 1, p. 2-5, 2011. DOI 10.1590/S0104-42302011000100002

PEREIRA, E.; TEIXEIRA, C.; SANTOS, A. Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 241-250, abr./jun. 2012. DOI 10.1590/S1807-55092012000200007

RIBEIRO, H. K. P. *et al.* Transtornos de ansiedade como causa de afastamentos laborais. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, n. 44, p. 1-8, 2019. DOI 10.1590/2317-6369000021417

SADOCK, B. J.; SADOCK, V. A.; RUIZ, P. *Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica*. 11. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

SANTANA, L. de. *et al.* Absenteísmo por transtornos mentais em trabalhadores de saúde em um hospital no sul do Brasil. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 37, n. 1, p. 1-8, 2016. DOI 10.1590/1983-1447.2016.01.53485

SCHILTZ, H. K. *et al.* The role of loneliness as a mediator between autism features and mental health among autistic young adults. *Autism*, v. 25, n. 2, p. 545-555, 2020. DOI 10.1177/1362361320967789

SIMONOFF, E. *et al.* Psychiatric disorders in children with autism spectrum disorders: prevalence, comorbidity, and associated factors in a population-derived sample. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, v. 47, n. 8, p. 921-929, 2008. DOI 10.1097/chi.0b013e318179964f

SMITH, I. C.; OLLENDICK, T. H.; WHITE, S. W. Anxiety moderates the influence of ASD severity on quality of life in adults with ASD. *Research in Autism Spectrum Disorders*, v. 62, p. 39-47, 2019. DOI 10.1016/j.rasd.2019.03.001

SZUHANY, K. L.; SIMON, N. M. Anxiety disorders: a review. *JAMA*, v. 328, n. 24, p. 2431-2445, 2022. DOI 10.1001/jama.2022.22744

TARVER, J. *et al.* Anxiety in autistic individuals who speak few or no words: a qualitative study of parental experience and anxiety management. *Autism*, v. 25, n. 2, p. 429-439, 2021. DOI 10.1177/1362361320962366

THE WHOQOL GROUP The development of the World Health Organization quality of life assessment instrument (the WHOQOL). In: ORLEY, J.; KUYKEN, W. (eds.). *Quality of life assessment: international perspectives*. Heidelberg: Springer Verlag, 1994. p. 41-60.

TREVISAN, R. L. *et al.* Prevalência de transtornos do humor e de ansiedade em servidores públicos afastados. *Psicologia em Pesquisa*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 61-80, ago. 2019. DOI 10.34019/1982-1247.2019.v13.23845

ULJAREVIĆ, M. *et al.* Anxiety and depression from adolescence to old age in autism spectrum disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 50, p. 3155-3165, 2019. DOI 10.1007/s10803-019-04084-z

VAN STEENSEL, F. J. A.; BÖGELS, S. M. CBT for anxiety disorders in children with and without autism spectrum disorders. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, v. 83, n. 3, p. 512-523, 2015. DOI 10.1037/a0039108

VINCENT, A. *et al.* The quality of life and the future of young adults with Asperger syndrome. *Disability and Rehabilitation*, v. 42, n. 14, p. 1987-1994, 2020. DOI 10.1080/09638288.2018.1544297

WHITE, S. W. *et al.* Psychosocial treatments targeting anxiety and depression in adolescents and adults on the autism spectrum: review of the latest research and recommended future directions. *Current Psychiatry Reports*, v. 20, p. 1-10, 2018. DOI 10.1007/s11920-018-0949-0

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Depression and other common mental disorders: global health estimates*. Geneva: WHO, 2017.

YOO, S. *et al.* The impact of caregiver's role preference on decisional conflicts and psychiatric distresses in decision making to help caregiver's disclosure of terminal disease status. *Quality of Life Research*, v. 28, p. 1571-1581, 2018. DOI 10.1007/s11136-019-02124-w